

ESPAÇO E GÊNERO: O COTIDIANO DE MORADORES DE ÁREA ENDÊMICA PARA ESQUISTOSSOMOSE NO VALE DO JEQUITINHONHA

SPACE AND GENDER: THE DAILY LIFE OF RESIDENTS OF A SCHISTOSOMIASIS ENDEMIC AREA IN THE JEQUITINHONHA VALLEY

ESPACIO E GENERO: LO COTIDIANO DE LOS MORADORES DE LA REGION ENDEMICA PARA ESQUISTOSOMIASIS EN EL VALLE DEL JEQUITINHONHA

Andréa Gazzinelli¹
Cláudia Maria de Mattos Penna²
Gilberto Batista³
Maria Flávia Gazzinelli²

RESUMO

Neste estudo teve-se como objetivo compreender o cotidiano de famílias moradoras de área endêmica para esquistossomose no Vale do Jequitinhonha-MG, assim como as expectativas e funções atribuídas aos indivíduos na perspectiva de gênero nos contextos social, cultural e econômico. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 6 famílias em um total de 43 indivíduos. Os resultados mostraram que as práticas do cotidiano do grupo de moradores estão intimamente relacionadas com o modo como os membros de uma família obtêm e estruturam as condições e os recursos ligados à sobrevivência deles. As condições de risco a que estão submetidos são determinadas por fatores econômicos, culturais e sociais que atuam na estrutura do espaço, na relação homem-ambiente, nas relações sociais que ocorrem no espaço micro do contexto familiar e na oposição entre homem e mulher.

Palavras-chave: Esquistossomose; Atividades Cotidianas; Espaço; Identidade de Gênero.

ABSTRACT

The objective of this study was to understand the practices of families living in an endemic area for schistosomiasis in the Jequitinhonha Valley, State of Minas Gerais, Brazil as well as the roles and expectations of individuals from the point of view of gender and related to the social, cultural and economic context. Semi-structured interviews were used with 6 families and a total of 43 people. The results showed that the day-to-day practices of individuals are closely related to the way family members structure the conditions and resources to their survival. The risk of infection is determined by economic, cultural and social factors that influence the space structure, the relationship between man and environment and the social relations that occur in the micro space of the family context and also in the opposition between men and women.

Key words: Schistosomiasis; Activities of Daily Living; Gender Identity; Space.

RESUMEN

El objetivo del presente estudio es analizar las prácticas de las familias que viven en áreas endémicas para la esquistosomiasis en la región del valle del Jequitinhonha, Minas Gerais. También se pretende analizar las expectativas y los roles atribuidos a los individuos desde la perspectiva del género dentro del contexto social, cultural y económico. Se realizaron entrevistas semiestructuradas a 6 familias, 43 personas en total. Los resultados demuestran que las prácticas diarias del grupo de habitantes están relacionadas con la manera cómo los miembros de una familia logran las condiciones que estructuran la calidad de vida. Las condiciones del riesgo a las que están sometidas las familias están determinadas por los factores económicos, culturales y sociales que inciden en la estructura del espacio, en la relación hombre-ambiente, en las relaciones sociales que ocurren en el microespacio del contexto familiar y entre los hombres y las mujeres.

Palabras clave: Esquistosomiasis; Actividades Cotidianas; Espacio; Identidad de Gênero.

¹ Enfermeira Doutora. Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, Brasil.

² Enfermeira Doutora. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, Brasil.

³ Mestre em Enfermagem. Enfermeiro do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, Brasil.

Endereço para correspondência: Avenida Alfredo Balena 190. Bairro Santa Efigênia. CEP. 30.130-100 - Belo Horizonte-MG-Brasil

E-mail andreag@enf.ufmg.br

INTRODUÇÃO

O espaço onde as pessoas vivem tem sido considerado há algum tempo como relevante para os estudos na área da saúde pela influência que exerce sobre a vida das pessoas. Assim, o espaço, como importante unidade de organização social, torna-se foco para o estudo de várias doenças, dentre elas aquelas com características de transmissão ambiental, como a esquistossomose.¹ Esta é considerada uma das maiores endemias do mundo atingindo, principalmente, as populações de nível socioeconômico mais baixo, que vivem em piores condições de vida.

No microespaço domiciliar, a ocorrência de doenças pode ser entendida como o resultado de um conjunto de práticas compartilhadas, como as domésticas e de higiene, que envolvem o uso de água.^{1,2} Em estudos sobre esquistossomose relacionados ao domicílio, são considerados fatores fundamentais a fonte de água à qual as pessoas têm acesso, a distância e a disponibilidade da água, bem como os bens materiais de que dispõem, que influenciam nas escolhas que as famílias fazem sobre o tipo de água (córrego, minas d'água, cisterna ou nascente) que utilizam no dia-a-dia.^{2,3}

Segundo Czeresnia,⁴ o espaço onde se desenvolvem as interações entre o homem e a natureza interfere no adoecimento das pessoas, no surgimento das doenças ou mesmo as modifica. Compreender o processo de organização do espaço pelas comunidades em diferentes momentos e lugares é uma forma de entender essas comunidades e a distribuição das doenças.

Para melhor compreender a natureza das doenças infecciosas, sua distribuição, determinantes, conseqüências, bem como a vulnerabilidade das pessoas, é necessário conhecer os diferentes espaços onde elas desenvolvem suas práticas, assim como as funções de cada um. A vulnerabilidade a algum agravo está relacionada, basicamente, às atitudes que criam oportunidades para que as pessoas venham a contrair doenças. Essas atitudes, associadas à maior vulnerabilidade, podem não ser decorrentes da ação voluntária das pessoas, mas estão relacionadas com as condições objetivas do ambiente, além das condições culturais e sociais em que as atitudes e práticas ocorrem.⁵

O domicílio tem sido considerado o ponto de partida para compreender o contexto que faz com que pessoas entrem em contato com águas potencialmente infectadas por cercárias.^{6,7} No contexto familiar, as atividades desenvolvidas por homens e mulheres, no que se refere ao contato com água, reforçam as diferentes funções atribuídas a cada um deles, as relações de gênero e como interferem na divisão social do trabalho. Tal diferenciação determina atividades próprias às mulheres e aquelas atribuídas aos homens, que caracterizam a condição de ser homem ou mulher em determinada sociedade, numa visão de gênero. Essa pode até mesmo delimitar o conhecimento e as atitudes dos indivíduos adiante da aquisição, transmissão e tratamento da doença.⁸

Estudos sobre a esquistossomose mostram que as atividades de contato com água e o local onde são realizadas estão relacionadas não somente ao espaço, mas também ao gênero. Em geral, as mulheres realizam atividades domésticas, como lavar roupas e vasilhas próximas a casa, com menor duração e exposição do corpo em contato com a água, em relação àquelas desenvolvidas pelos homens, mais distantes do domicílio, tais como nadar, limpar córregos, construir canais e agricultura.⁹⁻¹²

Conhecer essas diferenças, assim como a rede de organização social construída pela famílias, é essencial para a elaboração de programas de controle eficazes. É necessário compreender o cotidiano dos diferentes sujeitos no domicílio, onde as mulheres, os homens e as crianças dividem os mesmos espaços e interagem no dia-a-dia. Ao mesmo tempo, deve-se compreender a interação dos indivíduos com a comunidade e a maneira como aprendem a conviver com a ausência de água tratada e de saneamento básico. Não só isso. Há também a forma como determinado grupo social pensa individual e coletivamente suas práticas. Isso aponta para a complexidade das situações sociais reais.

Para o desenvolvimento deste trabalho, partiu-se do pressuposto de que as atividades de contato do homem com as águas contaminadas não constituem simplesmente uma série de atividades executadas pelas pessoas, mas, sim, um processo social dinâmico e holístico relacionado ao gênero e que ocorre em um contexto social e espacial específico.² Neste estudo, buscou-se, portanto, compreender a variedade de práticas dos diferentes membros da família, assim como expectativas e funções atribuídas a eles, por meio da estrutura social em que vivem. A abordagem familiar mostrará as diferenças que podem ocorrer no impacto da doença, na perspectiva de gênero no contexto social, cultural e econômico.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido em Virgem das Graças, zona rural do município de Ponto dos Volantes, Vale do Jequitinhonha, na região norte do Estado de Minas Gerais. Essa localidade é considerada endêmica para esquistossomose com prevalência de 57%. A principal fonte de renda da população é proveniente da agricultura, relacionada ao cultivo da mandioca, do milho, do feijão e do arroz, além de criação de gado.

As principais fontes de provisão de água são nascentes, represas e córregos existentes nas proximidades das residências. A maior parte das famílias, usando seus próprios recursos, guiam o volume de água dessas fontes por meio de mangueira até o domicílio, que é, muitas vezes, desprovido de reservatório. Essa forma de abastecimento é exclusiva por família e, com frequência, insuficiente para suprir todas as necessidades domésticas, o que faz com que as pessoas recorram de forma complementar aos córregos para realizar aquelas atividades que requerem maior volume d'água, como

lavar vasilhas, roupas e, às vezes, tomar banho. Várias outras utilizam apenas águas dos córregos e de minas de água para suprir as necessidades domésticas por não terem condições de encanar água de nascente.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas sobre os hábitos e as práticas da população em relação às atividades domésticas, de trabalho e lazer com seis famílias (pais e crianças maiores de 12 anos) no total de 43 indivíduos. Foram incluídas no estudo famílias compostas por pai, mãe e filhos, que aceitaram participar. A coleta de informações foi considerada completa quando ocorreu a saturação teórica, ou seja, quando não foram mais encontrados dados novos ou adicionais em nenhum grupo. As entrevistas tiveram duração de, aproximadamente, 40 minutos e foram gravadas e transcritas na íntegra levando sempre em consideração as expressões e regionalismos locais, além de serem registradas também as práticas cotidianas dos moradores.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê Nacional de Ética em Pesquisa sob o nº 683/99. Todos os participantes foram esclarecidos sobre o objetivo do estudo, o anonimato e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A análise dos dados foi feita baseada nos passos da Teoria Fundamentada nos Dados¹³ e realizada em duas etapas. Na primeira, fez-se a identificação das categorias emergentes com base no exame do conjunto das descrições das famílias. A segunda envolveu um processo de análise em profundidade de cada família, buscando compreender a dinâmica de funcionamento, as práticas e as representações de seus membros. Os dados obtidos por meio das duas abordagens permitiram que as categorias emergentes do estudo fossem agrupadas em trabalho, lazer e aspectos ligados à educação e à formação. A coleta de informações foi considerada completa quando ocorreu a saturação teórica, ou seja, quando não foram mais encontrados dados novos ou adicionais em nenhum grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão do cotidiano das famílias de Virgem das Graças permitiu observar que as práticas dos sujeitos no dia-a-dia, a relação com a fase da vida na qual se encontram, com os diversos ambientes por onde circulam e com os outros desenvolvem-se em três dimensões interdependentes: o espaço, o gênero e as relações microssociais. Tais dimensões estão presentes de modo transversal nas categorias que emergiram dos resultados relacionadas ao trabalho, ao lazer e a alguns aspectos ligados à educação e à formação deles. Ao analisá-las, depreende-se que há representações e práticas que são comuns entre as pessoas de várias famílias e as que são singulares de uma família como instância produtora de subjetividade. Há determinadas práticas que, ao serem desenvolvidas, tendem a modificar e a possibilitar a reinvenção de maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto da vida social e do trabalho.

A questão é literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser em grupo, por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade.

Em decorrência de se pertencer a uma família que compartilha práticas com outras, mas que, simultaneamente, experimenta situações incitadoras de novas significações e vivências, é que os indivíduos acabam por se expor ao maior ou menor risco de infecção pelo *Shistosoma mansoni* e de outras doenças. Alcança um destaque singular, aqui, as práticas marcadas pelas questões de gênero e que devem ser analisadas mais amplamente como relações e socializações ligadas ao poder social.

Em relação ao trabalho como modo de sobrevivência, os respondentes mostram formas diferenciadas de falar sobre o trabalho em si, que estabelece a geração de renda familiar e constitui produto de um esforço coletivo. Para alguns, o trabalho coletivo é visto como meio, ou seja, em uma perspectiva que é primeiramente utilitária. Assim, é comum os sujeitos assumirem tarefas de que não gostam, mas que se sentem obrigados a realizar.

O fato de indivíduos de área endêmica estarem frequentemente expostos à infecção pelo *Shistosoma mansoni* advém da falta de opção de trabalho diferenciado e da obrigatoriedade de executar determinadas tarefas no lar e na agricultura para sua própria subsistência, que tem relação com contato com água.^{9,10,11,12} Pelo fato de residirem em uma área endêmica, esperava-se que a preocupação em relação à doença estivesse presente no cotidiano delas. Entretanto, os sintomas da doença passam despercebidos e o adoecer só se concretiza em um estágio grave, quando há perda de suas atividades cotidianas. De fato, estudo realizado em outra área endêmica para esquistossomose, também em Minas Gerais,^{14,15} mostrou que a esquistossomose, na ordem de prioridades dos moradores, perde para diferentes problemas dentre os quais a própria questão de sobrevivência e a presença de outras doenças como hipertensão, problemas cardiovasculares e neurológicos.

Pôde-se constatar que o trabalho coletivo é uma prática determinada pelas relações objetivas materiais de produção da existência no lugarejo. Por essa razão, é vivenciado de forma semelhante pelos moradores entrevistados. Juntos, os membros da família trabalham na roça, andam pelos mesmos lugares, atravessam os mesmos córregos e bebem a mesma água. Filhas trabalham com as mães nas atividades domésticas ajudando-as sempre e muitas vezes levam o almoço para os que estão na roça. Filhos ajudam os pais a limpar córrego, a fazer canais e a desentupir os canos que transportam água do córrego até as casas. Por isso, é comum que os familiares tenham contato com água, nos mesmos locais, na realização das atividades do cotidiano.

Alguns familiares atribuem ao trabalho coletivo valores pessoais, diferentemente da perspectiva de obrigatoriedade referida anteriormente. Nessa

perspectiva, o trabalho não é apenas uma organização coletiva cuja função é primeiramente instrumental, mas permite agrupamento e solidariedade entre os membros da família. Cada um vê a atividade do outro como fundamental, sem a qual o todo não poderia existir. Conseqüentemente, isso faz com que pais e filhos executem coletivamente o trabalho na roça, em maior ou menor quantidade, dependendo da idade da criança ou do sexo. Vivenciam no trabalho os limites de si e do outro, as fragilidades e fortalezas de cada um, o que facilita a percepção do trabalho coletivo não só como necessidade, mas como desejo de completude. Estabelecem as atividades de cada membro reforçando a questão de gênero; assim a responsabilidade da educação masculina cabe ao homem e, conseqüentemente, a das meninas cabe à mulher, como se pode notar neste relato:

Os meninos eu levo para roça. O mais velho me ajuda na hora que chega da escola e o outro não faz nada porque é pequenininho. A minha outra filha sai para trabalhar na roça, mas às vezes ela fica aqui ou ela vai em outro serviço. E a minha mulher fica fazendo o trabalho de casa. E ela está ajudando da mesma forma, quando faz a comida e quando arruma a casa. A partir de 8 anos a gente já leva a criança pra roça pra incentivar, mesmo sem ele fazer nada.

Observou-se que as relações entre os membros de uma família e entre estes e o processo de trabalho não visam apenas à manutenção da estrutura de produção de bens de consumo. O relato mostra que, diante das ocupações disponíveis, fica sempre implícita uma atitude cooperadora e até mesmo educativa. Nesse caso específico, essas atitudes retratam o desejo do pai de ter o filho em sua companhia e a preocupação com a formação de aspectos relativos ao caráter dele. Fica evidente que a simples presença do filho no cenário de ocupação do pai é suficiente para provocar nele reações de satisfação e segurança quanto à formação do filho.

Entra em jogo aqui, quando se fala em exposição ao risco, um componente pouco percebido pelos estudos neste campo, que é o sistema de valores dos sujeitos que orientam suas práticas. O reconhecimento da importância desse sistema permite que se compreenda a situação e evita a formulação de hipóteses explicativas unidirecionais para interpretar os fatores de risco da doença.

Essa agregação familiar imposta pelo trabalho mostra-se importante quando se pensa nas situações de risco da esquistossomose. Mas é preciso lembrar-se, também, de que esse risco está associado ao fato de que os sujeitos conferem sentido ao trabalho. Assim, não se trata apenas de necessidades humanas e demandas por subsistência. Para alguns, o trabalho coletivo constitui-se em uma resposta original para o problema de sobrevivência e existência nas condições reais em que se vive na localidade. É assim que, nesse contexto, não se pode deixar de referenciar o trabalho coletivo como uma experiência subjetiva.

Os indivíduos incorporam um sistema de disposições que não necessariamente os conduzem a ações de modo mecânico. Há modos de pensar, ver e agir que são condicionados pela estrutura social e pelo pertencimento a uma classe social; porém, são esses mesmos modos que, articulados, compondo uma maneira de ser, podem ser recriados pelos sujeitos, configurando-se como estratégias de existência individuais e coletivas voltadas para determinado contexto.¹⁶

Reforça-se a divisão social do trabalho, há atividades que pertencem aos homens que são diferentes daquelas que são das mulheres. O fato de as mulheres estarem voltadas para o trabalho doméstico, que é realizado dentro das casas, pode explicar o pouco desprendimento delas para deslocarem-se de casa em busca de novos espaços de realização. Assim, como uma resposta a uma demanda por sobrevivência, as mulheres assumem um papel complementar e não central na renda familiar. É aplicada às mulheres a idéia de uma privação, de uma falta de algo, de uma virtude, circunstância que parece ser fácil e naturalmente incorporada por homens e mulheres, sem necessitar até mesmo de intenções justificadoras.

Esse modelo de família no qual a produção é atribuição do homem e a casa ocupação da mulher nem sempre foi identificado entre as famílias estudadas. Embora em muito menor grau, observa-se que esse modelo é contraditório em alguns momentos e o que parece importar, nesses casos, são as qualidades ligadas à personalidade dos indivíduos, e não somente os papéis sociais que eles devem desempenhar. Nesse caso específico, o padrão tradicional sofre variação. Há mudança no papel convencionalmente atribuído a determinado ator social. Isso pode ser impulsionado por uma diversificação de competências exigida pelo mundo do trabalho, em resposta, portanto, à necessidade de sobrevivência.

Bourdieu¹⁶ assinala que os indivíduos possuem uma matriz de pensamento por meio da qual lêem e interpretam suas experiências repetidas e acumuladas com o tempo. É assim que a sociedade, com suas normas e valores, perpetua-se de geração em geração. Todavia, é também Bourdieu que, com base na noção de *habitus*, anuncia que os indivíduos não só reproduzem representações e práticas, mas (re)elaboram-nas, o que vem definir o caráter não só instituído das disposições para pensar e agir dos indivíduos, mas seu caráter simultaneamente instituinte. O instituído e o instituinte representam forças distintas em luta constante na sociedade. Por um lado, o instituído consiste nas normas e valores estabelecidos; por outro, o instituinte, a contestação e a inovação é que possibilitam o movimento e também o estabelecimento de novos valores.

Mas importante assinalar que no estudo, mesmo nos casos em que o modelo se contradiz, às mulheres é imposta uma sobrecarga de atividades, e ao trabalho fora de casa soma-se aquele de dentro dos domicílios. Para a maioria dos familiares, a mulher por estar de prontidão no seu domicílio, reúne mais condições para realizar o trabalho doméstico e as atividades próximas

a ele, incluindo aquelas relacionadas à agricultura própria, de subsistência. Nesse contexto, as práticas desenvolvidas pelos sujeitos ao longo do tempo e assumidas de maneira muitas vezes inconsciente define a natureza da situação e o grau de autonomia diante dela. Importante pensar aqui na complexidade de que se reveste a questão da exposição ao risco de contágio da esquistossomose, bem como da adoção de atitudes preventivas.

Nesse conjunto de trabalhos, as próprias mulheres julgam as atividades que executam em casa como enfadonhas, repetitivas e sem fim. Essa regra torna-se uma exceção quando a atividade consiste em lavar roupas e vasilhas nos córregos. Para as mulheres, trata-se de um momento de convívio entre elas. Nesses espaços, as mulheres criam oportunidades e sentem-se com coragem de falar dos problemas familiares em grupo, acompanham o que acontece com os filhos em suas diferentes fases, informam-se sobre outros assuntos. Pode-se pensar que em um lugar onde os espaços de lazer são limitados, e principalmente no caso das mulheres em menor número do que os dos homens, estas criam novas formas de sociabilidade e de convívio social, nas quais os laços entre os membros de uma família e da comunidade podem ser estreitados. Parece ter menor importância o fato de que o córrego seja potencialmente contaminado por cercárias e, portanto, ao permanecerem por maior tempo em contato com a água, o risco de infecção aumenta.⁹

Quando falam das suas preferências, as mulheres relatam apreciar mais o trabalho na roça do que o de casa. Segundo elas, no primeiro pode-se ver o produto, o resultado, situação que traz uma satisfação imediata, uma vez que leva as pessoas nela envolvidas a se sentirem profundamente renovadas. Ao lado disso, as mulheres dizem apreciar os itinerários para o campo, ou seja, o deslocamento físico por ambientes naturais, o contato com a natureza, com a chuva, com o ar puro, com a paisagem da roça, que lhes permite sair de uma condição de confinamento para ganhar um espaço livre e aberto.

É notório para essas mulheres que o “fazer na roça” permite que trabalho e entretenimento sejam conciliados. Na verdade, o “fazer na roça” aqui opera como um catalisador de energia, revigorando as pessoas emocionalmente.

Entretanto, embora na quase sua totalidade as mulheres tenham expressado um sentimento muito positivo de afeição com o trabalho na roça em comparação com o da casa, até mesmo elegendo-o como o trabalho com o qual se identificam, verbalizam opiniões que revelam o consentimento com uma divisão do trabalho que, em momento algum, vem ao encontro dos desejos e sentimentos delas. Nesse contexto, muitas vezes, elas pensam dessa maneira e acreditam que lhes foi dado um tipo de “dom”. Elas internalizam o “discurso das virtudes”, isto é, das qualidades próprias femininas para que se produza, num determinado espaço de tempo e lugar, uma grande diversidade de ações que são vitais para o desenrolar normal do cotidiano.

É importante lembrar à luz de Bordieu,¹⁷ que a internalização do “discurso das virtudes” cumpre uma função ideológica, uma vez que perpetua a divisão entre o masculino e o feminino, que continua a se organizar, respectivamente, entre o exterior e o interior, ou seja, entre o trabalho e a casa. Assim, observa-se que nesse dilema entre o ditado e o desejado a aprendizagem pode ser a da resignação e do silêncio. De acordo com o autor,¹⁷ no momento em que esse princípio se institui completamente na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais, organizando as percepções, os pensamentos e as ações, o sistema de organização do trabalho passa a funcionar como uma representação auto-realizadora e auto-reguladora.

Dessa forma, as mulheres vêem atribuir-lhes todos os trabalhos domésticos, isto é, os trabalhos privados, escondidos, repetitivos, monótonos, penosos e humildes. A elas são destinadas as preocupações banais relativas à gestão doméstica no cotidiano. Como o trabalho dos homens está situado no lado exterior, do oficial, do público, do visível, eles se arrogam todos os atos pesados, às vezes perigosos, espetaculares, tais como a lavragem ou a colheita, que tem o poder de marcar rupturas no curso comum da vida deles, e, também, os negócios financeiros que têm lugar em outras localidades.

Em relação ao trabalho das crianças e jovens, o início do ofício da agricultura se dá em torno dos 12 anos. Começam acompanhando os pais nas idas à roça, desde os 8 anos, para olhar o trabalho e brincar com eles. Na opinião dos pais, é a partir dessa idade que os filhos adquirem capacidade para suas aprendizagens no que diz respeito às atividades no campo. Já as atribuições domésticas, segundo as mães, suas filhas só adquirem competência para fazê-las em torno dos 10 anos de idade. Quando pequenas, as crianças são levadas pelas mães e brincam nos córregos durante a realização das atividades domésticas.

O lazer é uma dimensão da existência humana que faz parte do cotidiano da maior parte dos familiares moradores de Virgem das Graças. Observa-se, entretanto, que os lugares para lazer da localidade configuram-se, na visão dos entrevistados, como espaços predominantemente masculinos. Os homens têm ampla permissão de transitar por todos os espaços. Podem nadar, pescar ou caçar, por isso mesmo estão com frequência expostos ao contato com água, aumentando, conseqüentemente, as chances de contrair esquistossomose.

No que se refere ao lazer das mulheres, não se pode dizer que são inexistentes. O que ocorre é que as mulheres são condenadas a espaços separados, pois a censura é implacável em todas as formas de expressão pública, verbal e corporal. As mulheres, então, buscam outras formas de divertimento, como ir à casa de amigas e parentes, à noite e aos domingos, para conversar. Muito raramente, elas vão à cachoeira nadar. Interessante notar que, conforme o relato das participantes, nos “banhos de cachoeira” só entram as mulheres acompanhadas.

E, quando o fazem, é com roupa, já que o corpo não deve ser exposto por inteiro. A vida como espaço de sociabilidade na conformação desse grupo de familiares expressa um conjunto de relações de poder que traduz, em última instância, determinado sistema de valores.

Se para as mulheres a prioridade é o trabalho, ou melhor, a sua vida é o trabalho e a ele se restringe, para as crianças, por causa do calor intenso da região e da falta de maiores opções de lazer, brincadeiras e brinquedos, o tempo que passam no córrego é essencial, principalmente os menores, que estão localizados próximos a casa. As atividades de lazer são geralmente realizadas em grupo, como jogar futebol, pular corda, brincar na água, banhar-se, dentre outros. Brincam enquanto as mães trabalham lavando roupa ou vasilha.

Importante assinalar, nesse contexto, que todas as atividades descritas, práticas, atitudes e postura das pessoas no cotidiano podem ser movidas pelos sentimentos que se têm com relação ao lugar. Quando questionados sobre o que sentem sobre o lugar, os entrevistados falaram sobre seus gostos e tensões.

A principal tensão vivida pelos familiares é a escassez de emprego e, em conseqüência, de recursos monetários para a sobrevivência. Não há emprego de remuneração fixa. Decorre daí um sentimento de desalento adiante da falta de perspectiva do lugar, além da ausência de um trabalho que traga benefícios que assegurem alguma qualidade de vida. Trata-se de um quadro real, do qual os familiares só conseguem se desvencilhar migrando para outras localidades em busca de novas possibilidades de obtenção de renda. Esse fato traz como conseqüência maior contato dos homens com águas contaminadas distante dos domicílios.¹⁰

Se, por um lado, os moradores de Virgem das Graças apontam motivos de tensão ligados ao viver em uma comunidade rural, por outro, várias são as razões para eles exprimirem afeição pelo lugar. Assim, todas as pessoas entrevistadas expressaram sentimentos positivos com relação ao lugar. Apesar das dificuldades e incertezas quanto ao futuro deles, expuseram que têm boas relações com a vizinhança – relações de confiança e apreço; possuem um modo de viver muito simples; não precisam conviver com a violência, já que o lugar é muito tranquilo; e há intenso contato com a natureza; dentre outras razões.

Além dessa qualidade apontada – a ausência de violência – há outras indicadas que caracterizam o lugar positivamente e, até mesmo, de forma idealizada. Nesse contexto, as expressões mais freqüentemente utilizadas são: *Bom para as crianças; Bom para nadar; Bastante amizade; Prazeroso; Sem violência; Não dá medo; Gosto da roça e do trabalho em casa; Tem lugares bonitos para conhecer; A roça é um paraíso.*

Se, por um lado, a esse cenário repleto de imagens positivas contrapõem-se os acontecimentos ligados à falta de recursos para sobrevivência, por outro, sobressai como positivo a presença no lugarejo de uma rede de amigos. Parece importar menos aqui a condição social e

econômica dos moradores e mais o seu pertencimento afetivo à comunidade. Para Ferrara,¹⁸ gostar da cidade não necessariamente relaciona-se com o fato de ela ser bonita ou feia, boa ou ruim, pobre ou rica, mas, sim, por ser nela que se vivem relações de proximidade com os moradores do lugar. Mais precisamente, o que autor¹⁸ afirma é que o importante é que os moradores do lugar existem para os outros indivíduos e em relação a eles.

Nesse sentido, observa-se que entre os indivíduos que pertencem a um grupo social existem aspectos relacionados à organização do trabalho que são comuns, sendo condicionadas pelas relações objetivas dos indivíduos entre si e com os seus meios. Porém, diferentes grupos sociais interiorizam sua situação objetiva distintamente. Assim, há atividades que pertencem a determinados indivíduos ou são próprios de famílias específicas e que demonstram que nos grupos sociais e na sociedade há a construção de dispositivos produtores de subjetividade e de novos modos de singularização.

Todo esse processo vincula-se à noção de *habitus*, segundo a qual há entre os sujeitos um conjunto de disposições duráveis e transponíveis que se constituem em matriz de percepções, apreciações e de ação, formados com base nos modos de viver e de pensar daquela classe social. Incluem-se aqui os traços constituintes e constituidores do *habitus* familiar.¹⁶

Assumir isso como verdade implica reconhecer como importantes, quando dos estudos e propostas de intervenção, não apenas a realidade, mas a maneira como esta vem adquirir novas configurações no imaginário dos sujeitos. Assim, o fato de os sujeitos gostarem da cidade pode lhes favorecer a apropriação do seu lugar e a conseqüente adoção de posturas e atitudes mais autônomas diante dos problemas ligados ao ambiente e à saúde individual e coletiva do agrupamento social em questão.

Os sentimentos gerados pelo lugar podem, certamente, definir representações e práticas nos moradores no cotidiano deles. Determinadas atitudes e posturas podem ser impulsionadas ou não pelos sentimentos dos moradores com relação ao lugar onde vivem. Assim, a afeição com o lugar pode favorecer atitudes de recusa e negação do que há ali de anômalo, como as doenças cujas situações de risco se encontram nas condições ambientais do lugar.^{15,19} Maffesoli²⁰ diz que o homem sente afeição pelo território onde partilha com outros e ali constrói sua história, fazendo com que a história do lugar se torne sua história pessoal, por isso a tendência é ressaltar aquilo que se tem de positivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, fica patente que as práticas do cotidiano do grupo de moradores de Virgem das Graças estão intimamente relacionadas ao modo como os membros de uma família obtêm e estruturam as condições e os recursos ligados à sobrevivência deles

nesse contexto específico. O conjunto formado pelas necessidades de subsistência e condições locais, o modo como estão dispostas as fontes de recursos, a forma como se organiza o trabalho, as tendências e inclinações e as representações sociais definem práticas que são executadas pelos membros de uma família.

Ao compreender o cotidiano de moradores de área endêmica para esquistossomose em zona rural, observa-se que as condições de risco a que estão submetidos são determinadas por fatores econômicos, culturais e sociais que atuam na estrutura do espaço, ou seja, na oposição entre casa e campo, na organização do tempo, na relação homem-ambiente, nas relações sociais que ocorrem no espaço micro do contexto familiar e na oposição entre masculino e feminino.

Fica implícito que não são apenas as questões objetivas que determinam as práticas de contato com água realizadas pelos indivíduos e pela família. Existem outras, ligadas à dimensão infra-estrutural e, indubitavelmente, ao peso delas no tipo de prática que é desenvolvida. Como há, também, aquelas ligadas à subjetividade tanto dos indivíduos como da família, que nos permitem apontar uma unidade familiar, uma funcional e uma subjetiva.

Percebe-se que as representações sociais acumulam-se ao longo do tempo, originando a memória coletiva, que vai sendo reproduzida de geração em geração, reforçando as questões de gênero nessas relações. A menção aqui é ao *habitus* familiar, que é introjetado pelos indivíduos e perpetuada pela família, de pai para filho. Assim, cada indivíduo, em razão das condições objetivas que caracterizam sua posição na estrutura social, constitui um sistema específico de disposições para a ação que é transmitida na família na forma de *habitus*.

Assumir isso implica negar ao indivíduo uma autonomia absoluta na produção de suas representações e práticas. Desse modo, ao investigar as formas como os indivíduos lidam, no cotidiano, com aspectos dos seus ambientes imediatos e com a sua sobrevivência e existência, constata-se a necessidade de estudar as dinâmicas internas de uma família, buscando entender o grau e o modo como os recursos disponíveis (o *habitus*) são ou não apreendidos pelos familiares.

Os indivíduos não pensam sobre as atividades deles e as executam de modo simplesmente idiossincrático. Eles vão vivenciando experiências e construindo uma visão positiva ou negativa a respeito delas. É como se eles, de modo não consciente, fossem selecionando as

experiências em razão do resultado delas. Desse modo, as ações que resultam em características adaptativas – em analogia com o processo biológico evolutivo – são selecionadas e transmitidas de geração em geração, como uma espécie de memória coletiva.

Pode-se, dessa maneira, concluir, com base neste estudo, que as práticas do cotidiano ligadas ao espaço, gênero e relações microssociais são condicionadas pela estrutura social que desvela nos indivíduos uma propensão a pensar e a agir de determinada forma, mas, ao mesmo tempo, é essa a propensão construtora de novas práticas e representações.

Mais especificamente, conclui-se, e este estudo é importante por demonstrá-lo, que a “doença” está presente nos diversos lugares dos moradores: os lugares do prazer, do trabalho, do imaginário, dos sonhos, os não-lugares, os lugares proibidos e censurados; no que cada um pode fazer naquele momento; nas atividades que são intrinsecamente dos homens e das mulheres; nas diferentes relações, no modo como os homens organizam o trabalho, como o dividem com as mulheres e demais familiares; na natureza de relação que estabelecem.

Deve-se ressaltar que, mesmo moradores de uma região endêmica, as necessidades prementes do cotidiano nem sempre estão relacionadas com os parasitos presentes no ambiente. Nota-se que as preocupações são mais de cunho familiar, de sobrevivência e em relação às parasitoses se dá muitas vezes em relação aos sintomas que elas produzem. A relação com a água pode, muitas vezes, ser um fator agregador para as relações sociais que as pessoas mantêm entre si, o que deixa a questão da contaminação para um segundo plano. Reafirma-se, portanto, que a preocupação com a doença é geralmente dos profissionais, e não dos sujeitos que habitam esses espaços, por isso torna-se necessário repensar formas educativas para sensibilizá-los para a mudança de atitudes que facilitem a prevenção das doenças.

Conclui-se que, para formular um programa educativo e de controle da esquistossomose ou de outras endemias, deve-se buscar compreender as representações e as práticas dos sujeitos, quais os seus pontos de inflexão e que tipos de resistência podem ser ali encontrados. Seria muito reducionista pensar, ao se debruçar sobre o cotidiano dos familiares residentes em Virgem das Graças, que a doença e as possibilidades de contraí-la estariam apenas relacionadas com as atividades que se ligam de maneira mais estreita com os modos de transmissão da doença.

REFERÊNCIAS

1. Cairncross S, Blumenthal U, Kolsky P, Moraes L, Tayed A. The public and the domestic domains in the transmission of disease. *Trop Med Int Health*. 1996; 1:27-34.
2. Watts S, Khallaayoune R, Bensefia R, Laamranf H, Gryseels B. The study of human behavior and schistosomiasis transmission in an irrigated area in Morocco. *Soc Sci Med*. 1998; 46(6):755-65.
3. Bethony J, Williams JT, Brooker S, Gazzinelli A, Gazzinelli MF, LoVerde P, Correa Oliveira R, Kloos H. Exposure to *Schistosoma mansoni* infection in a rural area in Brazil. Part III: household aggregation of water contact behavior. *Trop Med Int Health*. 2004; 9(3):381-9.

4. Czeresnia D, Ribeiro AM. O conceito de espaço em epidemiologia: uma interpretação histórica e epistemológica. 2000; 16(3):595-617.
5. Meyer DEE, Mello DF, Valadão MM, Ayres JRMC. "Você aprende. A gente ensina?" Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. *Cad Saúde Publica*. 2006; 22(60):1335-42.
6. El Katsha S, Watts S. *Gender, behavior and health*. Cairo, Egypt: American University in Cairo Press; 2002.
7. El Katsha S, Watts S. Schistosomiasis in two Nile delta villages: an anthropological perspective. *Trop Med Int Health*. 1997; 2:846-54.
8. Berman P, Kendall C, Bhattacharyya K. The household production of health: integrating social science perspectives on micro-level health determinants. *Soc Sci Med*. 1994; 38:205-15.
9. Gazzinelli A, Bethony J, Alves Fraga L, LoVerde P, Correa-Oliveira R, Kloos H. Exposure to *Schistosoma mansoni* infection in a rural area of Brazil: Part 1: water contact. *Trop Med Int Health*. 2001; 6:126-35.
10. Kloos H, Rodrigues JC, Pereira WR, Velásquez-Meléndez G, Loverde P, Oliveira RC, Gazzinelli A. Combined methods for the study of water contact behavior in a rural schistosomiasis-endemic area in Brazil. *Acta Trop*. 2006; 97(1):31-41.
11. Sama MT, Oyono E, Ratard RC High risk behaviours and schistosomiasis infection in Kumba, South-West Province, Cameroon. *Int J Environ Res Public Health*. 2007; 4(2):101-5.
12. Anguzu J, Oryema-Lalobo M, Nuwaha F. Community perception of intestinal schistosomiasis in Busia district of Uganda. *East Afr Med J*. 2007; 84(2):56-66.
13. Corbin J, Strauss A *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. New York: Sage; 1990.
14. Gazzinelli A, Gazzinelli MF, Cadete MMM, Pena Filho S, Sá I, Kloos H. Sociocultural aspects of schistosomiasis mansoni in an endemic area in Minas Gerais, Brazil. *Cad Saúde Pública*. 1998; 14(4):841-9.
15. Gazzinelli MF, Gazzinelli A, Santos RV, Gonçalves LA. A interdição da doença: uma construção cultural da esquistossomose em área endêmica, Minas Gerais, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2002; 18(6):1629-38.
16. Bordieu, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1989.
17. Bordieu P. A dominação masculina. *Educ Realidade*. 1995; 20:133-84.
18. Ferrara LC. As cidades ilegíveis, percepção ambiental e cidadania. In: Del-Rio V, Oliveira L, organizadores. *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel; 1996.
19. Penna CMM. Realidade e imaginário no processo de viver de moradores em um distrito brasileiro. *Texto Contexto Enferm*. 2007; 16(1):80-8.
20. Maffesoli M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro (RJ): Forense-Universitária; 1987.

Data de submissão: 31/3/2008

Data de aprovação: 27/5/2008